

EXAME
INFORMÁTICA
testesPRIMEIRO
CONTACTO

O Glass dá às fotos de 5MP e ao vídeos 720p o mesmo enquadramento do olhar

No sentido contrário, o ecrã mostra o que é filmado e funcionalidades disponíveis

Com um brilhinho nos olhos

Google Glass

Primeira declaração de interesses: uso óculos há 18 anos. Não foi uma escolha - e admito que dispensava bem usá-los. Com os Google Glass, a questão colocou-se de outra forma: por que haveria de usar dois pares de óculos? A resposta não tardou. Os Google Glass são Glass só de nome: na verdade, podiam ser chamados de Google Screen - porque o que conta realmente é o pequeno ecrã, do tamanho de uma mosca rasante e luminosa a um dedo da retina direita. Não impede de ver o cenário envolvente, mas é incontornável. Se tem ou não lentes, se é ou não Glass, é uma questão que será a indústria que terá de resolver se quiser conquistar as estantes dos oculistas do futuro. Os primeiros Google Glass que usei não tinham lentes: e por isso tive de os colocar sobrepostos aos óculos que uso. Sim, porque sem óculos, a miopia não me deixa ver o que mostra o pequeno ecrã. A primeira experiência é um exercício de habituação. Duvido que alguém consiga andar ou fazer qualquer outra coisa enquanto não percebe como é que se controla o par de Google Glass. Gostaria de poder negar, mas há também uma questão geracional. No Instituto de Sistemas e Robótica de Lisboa (ISR-L), que me deixou testar os Google Glass durante uma tarde, os investigadores concordam que as modas nem sempre caem bem a todas as idades, mas logo lembram que sucedeu o mesmo com o telemóvel. «É possível que alguém que use durante 24 horas possa sentir cansaço à noite», admite João Paulo

Os óculos da Google não são bem uns óculos, mas deixam ver o que os outros óculos não deixam. Em 2014, o Glass parte à conquista do mundo

Costeira, ISR-L, analisando um futuro em que objetos como o Google Glass poderão tornar-se, eventualmente, vulgares. Ricardo Cabral, investigador do ISR-L que está a trabalhar no programa doutoral Carnegie Mellon Portugal, ainda não se cansou dos Glass. «Andei com eles durante dias inteiros em Nova Iorque e Lisboa. E não tive nenhum problema». É muito provável que Ricardo Cabral tenha conseguido cruzar a Times Square ou Alfama sem bater num único caixote de lixo, mas já tenho dúvidas sobre se terá conseguido passar despercebido, com um adereço que dá ao utilizador qualquer coisa de Darth Vader: «O que é que aquele tipo está a ver naquele ecrã?», é uma pergunta provável que qualquer pessoa fará com os seus botões

quando vê, pela primeira vez, alguém usar um Glass a menos de dois metros de distância.

Ao aparato gerado pelo ecrã, junta-se uma coreografia própria. Para ligar um Google Glass o utilizador tem de levantar a cabeça ou dizer: «Ok Glass». E algumas funcionalidades são ativadas com a ponta do dedo

numa das hastes. O que significa que os primeiros do "ecrã de olho" estão condenados a causar na rua uma estranheza comparável à que os adeptos dos kits mãos livres causaram quando começaram a cruzar ruas a falar sozinhos. Caso a moda pegue, haverá maior probabilidade de passarmos a ver pessoas que parecem ter tiques, e afinal apenas estão a dar sacudidelas de cabeça para ligar o Google Glass ou a navegar na lista de funcionalidades.



Por mais de uma vez, o futuro já conseguiu mudar a opinião dos mais resistentes ao uso de novas tecnologias. João Martins, aluno de mestrado do Instituto Superior Técnico que garantiu juntamente com Ricardo Cabral um dos 1500 exemplares Glass que a Google já dispersou pelo mundo, dá um exemplo em que o pequeno ecrã da Google pode ser útil a quase toda a humanidade: «no limite, posso perguntar onde está a loja mais próxima e ele indica-me».

João Martins também recorda que é entre os segmentos profissionais que a adoção da tecnologia deverá arrancar. «Imagine alguém pregar um prego e ter logo uma indicação da distância de 50 centímetros que deve guardar para pregar o prego seguinte», frisa.

João Martins e Ricardo Cabral estão a desenvolver, em parceria, uma aplicação que deverá ajudar especialistas em dermatologia a detetar doenças da pele, mediante o processamento das imagens captadas pela câmara do Glass.

expectativa

4

google.com/glass

Características Ecrã HD, equivalente a 25 polegadas quando visto a 2,5 metros • Wi-Fi e Bluetooth • Fotos 5MP; Vídeo 720p • 16 GB de memória Flash

Mas não são os únicos a trabalhar com o aparelho da Google: João Paulo Costeira recorda que pretende disponibilizar um repositório de códigos para empresas portuguesas que pretendam desenvolver soluções compatíveis. Em quatro dias, o ISR-L recebeu 60 mostras de interesse.

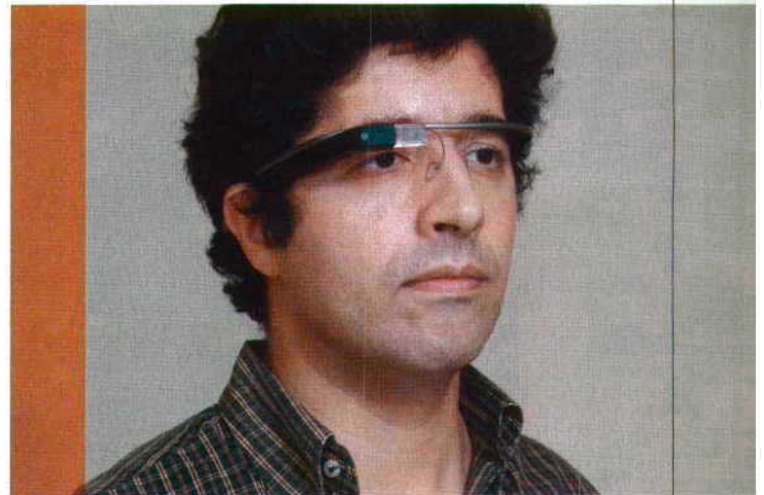
BEM PRÓXIMO DA VISTA

Hoje, o menu do Google Glass é pouco mais que a seguinte lista de opções:

Tirar uma foto; gravar um filme; ditar uma nota e uma mensagem e enviá-las de seguida; configurar o acesso à Net, que permite visitar sites enquanto se tateia na armadura; ou gerir a ligação por Bluetooth ao telemóvel que garante as chamadas telefónicas e o GPS.

Uma coisa é certa: o utilizador passa a ter um recetor de rádio, um ou mais chips, e um ecrã junto à testa: o peso não é diferente do de uns óculos tradicionais, mas fica a ideia de que num dia mais quente, o aparelho pode ser menos agradável. Quanto à exposição às ondas eletromagnéticas: é uma questão pertinente (especialmente numa futura versão que venha a ter cartão GSM integrado), mas só um estudo científico pode dizer se o perigo é real.

Ainda de âmbito fisiológico, outro questão que qualquer consumidor leigo acabará por colocar no futuro: não poderão os Google Glass desencadear ou agravar uma qualquer doença nos olhos (estrabismo, miopia, etc.)? A resposta terá de ser trabalhada pela Google, caso queira fazer a estreia comercial sem percalços, no início de 2014. Quem é que quer um Google Glass para o dia-a-dia? Com as funcionalidades disponíveis, talvez só voyeurs ou espíões, que valorizam a capacidade de filmar discretamente. Hoje, o Google Glass pouco mais é do que a interface para algumas funcionalidades do telemóvel. Mas não deverá tardar muito para que surjam apps que tiram partido das comunicações e da proximidade de ecrã/câmara/olho.



POSITIVO

- 1 Peso equivalente ao de uns óculos.
- 1 Pode ser especialmente útil em determinadas profissões: as funcionalidades de realidade aumentada prometem aumentar a eficiência através de dicas, sugestões, alertas ou indicações que surgem no pequeno ecrã à medida que o utilizador vai filmando.
- 1 Pode libertar as mãos dos utilizadores
- 1 Acesso à informação imediato e ecrã à prova de olhares indiscretos.

ESPERAR PARA VER

- 1 Será que o cérebro e os olhos humanos estão preparados para um uso intensivo desta tecnologia?
- 1 Nos casos de uso intensivo, que impacto pode ter a proximidade entre uma antena de Wi-Fi e a cabeça do utilizador? Serão fixados limites de uso?

NEGATIVO

- 1 Pode gerar calor
- 1 Dificilmente substitui o telemóvel na totalidade - pelo menos nos tempos mais próximos.
- 1 O ecrã é demasiado pequeno para um uso intensivo.
- 1 Pode ser usado para navegar na Web, mas ao contrário do que pode dar a entender, exige que o utilizador pare e se concentre na plenitude caso esteja a navegar na web, ou no futuro, tente jogar um jogo.
- 1 O atual custo de 1500 dólares torna-o uma máquina acessível apenas de empresas e pessoas endinheiradas

Antes de alguém se lembrar de o fazer, a Google impôs uma restrição ao desenvolvimento de ferramentas que identificam rostos - e que poderiam tornar-se uma ameaça à privacidade, caso dispositivos como o Glass sejam adotados em grande escala e milhões de pessoas passarem a filmar os respetivos quotidianos.

João Paulo Costeira e Ricardo Cabral são entusiastas, mas também apontam lacunas: falta autonomia à bateria; uma câmara a apontar para o olho; e um zoom, que permita associar a focagem natural dos olhos com a focagem da máquina. Quem sabe numa versão 2.0? •

Hugo Séneca

